

# Uma crise de demanda

Eduardo Daher \*

No passado não muito distante todas as elevações de preços dos produtos agrícolas eram (e ainda podem ser) provocadas por um desequilíbrio de oferta. Assim: secas, pragas, geadas, granizo ou chuvas em excesso acabavam por prejudicar a produtividade das lavouras e imediatamente elevando seus preços até que se restabelecesse o equilíbrio entre oferta e demanda. A novidade do momento atual é que desta vez o desequilíbrio veio pelo lado da demanda, ou seja, uma busca concentrada por um maior volume de alimentos/grãos, num espaço de tempo em que a oferta não teve sequer tempo para reagir.

Dois foram os fatos geradores dessa “corrida” por produtos agrícolas:

A entrada no mundo capitalista selvagem (e põe selvagem nisso!) de países até então xenófobos e mal alimentados como China e Índia. Populações de bilhões de pessoas desejavam, necessitavam e de fato começaram a comer. A demanda por proteínas vegetais e animais foi, e está sendo, assustadora. Um êxodo rural sem precedentes faz também com que um Brasil (mais de 190 milhões de habitantes) saia das zonas rurais produtivas e migrem para as grandes cidades onde vão aumentar o número dos “simplesmente consumidores de alimentos”. Perde-se dobrado.

O petróleo – aquela fonte de energia fóssil não renovável, mal distribuída, anti democrática e provocadora de conflitos e guerras no mundo – quebrou a barreira dos 100 dólares por barril (aliás 110... 115 ou melhor 119 dólares). A esses patamares de preço toda e qualquer energia renovável originária da biomassa vegetal tornou-se viável e economicamente “palatável”.

Deixemos de lado o etanol derivado da cana-de-açúcar (trazida para o Brasil em 1502 pelos portugueses, vinda da Ilha da Madeira).

Bioenergia derivada de etanol de trigo e colza na Europa; de mandioca na Índia e Tailândia e, sobretudo de milho nos Estados Unidos, fizeram com que haja uma disputa desigual entre energia e alimentos. A relação consumo/estoque de grãos ficou alta-

Evolução do consumo mundial de fertilizantes							
O consumo de fertilizantes no Brasil representa menos de 6% do total mundial							
Consumo mundial de fertilizantes							
	1990	1995	2000	2006	2006 x 1990		
					Taxa anual	Varição total	AV
China	27,1	33,5	34,4	47,7	4%	76%	30,3%
Índia	12,5	13,9	16,7	20,1	3%	61%	12,7%
EUA	18,4	20,1	18,7	19,5	0%	6%	12,4%
<b>Brasil</b>	<b>3,2</b>	<b>4,3</b>	<b>6,6</b>	<b>8,9</b>	<b>7%</b>	<b>178%</b>	<b>5,7%</b>
Paquistão	1,8	2,2	3	3,9	5%	117%	2,5%
França	5,7	4,9	4,1	3,7	-3%	-35%	2,4%
Mundo	137,4	129,4	136,7	157,3	1%	14%	66%

Fonte: IFA, ANDA

mente reduzida e os preços dos alimentos, como era de se esperar, aumentaram violentamente.

Com tal aquecimento na demanda a pressão sobre a produtividade agrícola no campo gerou também um dramático desequilíbrio na demanda por fertilizantes e suas matérias-primas. Trata-se de um fenômeno internacional. Os preços se elevaram em todos os cantos do mundo.

## A PRESSÃO SOBRE A PRODUTIVIDADE GEROU DRAMÁTICO DESEQUILÍBRIO NOS PREÇOS DOS ADUBOS


Efetivamente são menos sensíveis em países onde sua produção, importação ou comercialização são direta ou indiretamente subsidiadas por serem tratadas como questão de segurança nacional (vide quadro).

De pé trocado, no Brasil, quarto maior mercado do mundo, esse importante insumo é tributado (AFRMM - Taxa de Adicional ao Frete para Renovação da Marinha Mercante e ICMS interestadual) desestimulam sua produção local e dificultam a competitividade do agronegócio brasileiro.

Mais do que isso, nas semanas que se passaram tarifas protecionistas e mesmo

proibições foram impostas nos mercados habitualmente exportadores de matérias-primas de fertilizantes (Rússia, China entre outros) como forma de garantir-se o abastecimento interno de fertilizantes. Barreiras, taxações e proibições surgiram também no mercado internacional de alimentos e *commodities* (Argentina, Vietnã, Tailândia, entre outros).

Na análise atual das relações de troca dos grãos como feijão, trigo, soja e milho, ainda mostram-se favoráveis à adoção de tecnologias e assim, mesmo com preços elevados dos fertilizantes e outros insumos, geram recordes sucessivos de demanda e compras antecipadas. O mesmo não se pode dizer do algodão, cana, arroz e citros por exemplo. Criticar simplesmente os preços de fertilizantes ou culpá-los pela pressão nos custos de produção é uma versão míope de um problema mais amplo e estrutural do desassistido mercado do agrifusiness brasileiro. Urge discutir-se uma política de segurança nacional que propicie bases sólidas para que se invista no país tornando-o menos dependente do volátil e impiedoso mercado internacional de matérias-primas básicas e intermediárias do insumo fertilizantes.

A ANDA Associação Nacional para Difusão de Adubos esteve e sempre estará à disposição do mercado e das autoridades públicas, na busca da solução racional desse problema com nova roupagem de crise de demanda. 

\*O autor é administrador de empresas e diretor-executivo da ANDA – Associação Nacional para Difusão de Adubos.